

» Filosofia: Essa velha criança nua**

*A palavra filosófica não captura o desejo; pelo contrário,
seu dono é essa velha criança nua.*
J.-F. Lyotard, 2012

A filosofia tem muitas infâncias e muitos infantes. Algumas filosofias, inclusive, pensam-se a si mesmas como infância. É o caso, por exemplo, da desconstrução. H. Cixous e J. Derrida (2019) o dizem de muitas formas e com diversos sentidos durante um seminário com psicanalistas. Um deles a considera um dispositivo de redução da fala; de não se poder falar tão cômoda e impunemente; de problematizar as palavras e o modo como, a partir delas, abandonamos as contradições e impossibilidades, tão próprias do universo infantil.

Além de ser ela mesma infantil, a desconstrução – enquanto dispositivo de desfazer os problemas e de mostrar como um campo problemático se constitui como tal – seria um caminho que levaria até a infância; assim, a infância seria o destino da desconstrução.

Há ainda um segundo sentido. Na sua crítica ao logocentrismo, a desconstrução é infantil ao afirmar uma não fala, a suspensão de toda e qualquer fala, um mundo pré ou a-linguístico: uma criança sem fala. Uma criança também sem origem.

Derrida (Cixous e Derrida, 2019) afirma que a escrita inventiva é profundamente infantil no sentido de supor um compromisso corporal que não renuncia a nenhum prazer e a nenhum significado, e assim, expressa

uma perversão polimorfa. Algo como se a escrita inventiva fosse expressão de um desejo ilimitado, de poder experimentar o gozo e de escrever qualquer coisa. “Escritores criativos – diz Derrida em conversa com Cixous – estão em estado de infância” (p. 152). Sentimo-nos tocados pela afirmação e desejamos infantilmente – ou seja, perversa e polifonicamente – que este texto seja lido por leitores em estado de infância (ou que leve a elas e a eles até a infância).

Nessa conversa, H. Cixous sorri enquanto Derrida fala. E comenta sobre as ambiguidades e potências que a possibilidade de inventar e de criar contém. A desconstrução é infantil no sentido de ser anterior à linguagem; portanto, nela, duas coisas contrárias podem existir ao mesmo tempo. Podemos acreditar e não acreditar que algo é possível ou impossível, necessário ou inócuo. Como a infância, também a desconstrução é esse mundo selvagem, rico e perigoso em que não precisamos renunciar à contradição e ao impossível. Como mostra performática dessas contradições, Cixous (Cixous e Derrida, 2019) também afirma que a desconstrução “ilumina (!?) a eterna criança que somos” (p. 155).

Outro filósofo contemporâneo, o também francês J.-F. Lyotard (1986/2005), sugere que a filosofia e a infância andam de

mãos dadas, pois a filosofia não é outra coisa senão a infância do pensamento, ou seja, essa infinita potência de recomeço no pensamento que a pergunta instaura e que mostra que, em última instância, quando pensamos estamos sempre no começo. Para dizê-lo com outras palavras: pensar de verdade, pensar-se a si mesmo, fazer da filosofia um exercício de se colocar a si mesmo em questão, exige, cada vez, ir até a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo, como se nunca tivéssemos pensado, como se estivéssemos pensando, cada vez, pela primeira vez. Isso faz quem habita a filosofia: começa a pensar desde o início, mais início possível. Assim, a infância é quase uma condição da filosofia.

A filosofia e a infância mantém uma mesma relação com o possível: quando se entra na filosofia, lê-se no seu frontispício: “Tudo pode ser de outra maneira”. Sempre.

Se não for, não há o que pensar. Cada vez que alguém afirma: “Isto não pode ser pensado” lastima-se a filosofia. Por fim, e mais perto ainda desse exercício, a infância é a marca da própria escrita em filosofia; que se antecipa ao escrever, que se escreve antes de saber, para saber, uma escrita, a filosófica, que – afirma Lyotard (1986/2005) – é como uma criança prematura e inconsistente. De modo que, embora as pretensões e apostas de alguns filósofos neguem ou despreciem uma dimensão infantil, a filosofia – desde essas perspectivas – não só nunca abandona sua condição infantil como ainda, se ela o fizer, corre o risco de se abandonar infrutuosamente. Quase como Sócrates nos alerta do perigo que frente ao risco de morte, dele – a filosofia que está nascendo – se abandone e se esqueça de si mesma.

Um infante de uma filosofia infantil

Sócrates, infante, filósofo, o primeiro de uma tradição da filosofia. Infante cronológico, portanto, que faz nascer uma filosofia entre a vida e a morte, porque a tradição que veio depois se interessou pela vida de Sócrates, mas não menos pela sua morte. Claro, Sócrates teve a sorte de que um Platão o escrevesse. O escrito em que Sócrates

se defende das acusações de corromper os jovens e introduzir novos deuses é quase uma carta de apresentação da filosofia. Uma apologia de si, de Sócrates e da própria filosofia.

Nessa defesa, logo no início, Sócrates se coloca do lado da verdade e coloca os seus acusadores do lado da retórica. E diz que por se sentir um estrangeiro nos tribunais – falando neles pela primeira vez com setenta anos – expressará seu discurso na língua de sua infância. Perante o risco de morte, a filosofia lembra e chama à infância. Pede sua ajuda, necessita da sua verdade.

Sócrates é uma figura infantil em vários sentidos. Seus rostos, ainda num testemunho como o de Platão, são contraditórios, impossíveis, exagerados, próprios de um menino, ou seja, de alguém perverso e polimorfo. Atentemos para como ele ou seus interlocutores o descrevem nos *Diálogos*: estrangeiro, intratável, perguntador, incômodo, sem lugar, o mais sem lugar (*atopótatos*) de todos na única cidade em que podia viver, Atenas, a mesma em que nasceu.

O mesmo J. Derrida (1997) apresenta num diálogo sobre a hospitalidade essa lembrança de Sócrates no início da sua defesa, esforçando-se em marcar o seu não-lugar estrangeiro ante a fala onipresente nos tribunais. Com setenta anos, sentindo a morte próxima, só pode falar a língua com a qual foi educado, a sua língua infantil. Sócrates, que identifica as acusações contra ele como acusações contra a filosofia, só pode falar a língua da sua infância. Improvisando, inventando, só sabendo seu não saber, infantilmente, aferra-se à filosofia perante a iminência da morte.

A maneira pela qual Sócrates responde às acusações mostra outras máscaras do seu rosto infantil. Ele brinca com seus acusadores: eles dizem que é irreligioso e ele conta uma história em que o Deus principal de Atenas, Apolo, afirma que não tem ninguém na cidade mais sábio. É tudo infantil, contraditório e impossível. Como o Deus supremo pode dizer que o mais sábio é quem só sabe que nada sabe? Só pode ser uma brincadeira de crianças.

No mundo infantil da filosofia, ou no mundo filosófico da infância, o mais sábio

* Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Este texto tem como base um texto anterior publicado como: *Visões de filosofia: Infância* (Kohan, 2015).

→
Subliminal, 2020
 Christian Boltanski
 4-channel video installation,
 sound, continuous loop
 Dimensions variable
 Installation view Galerie
 Marian Goodman, Paris
 Courtesy: Christian Boltanski
 Studio and Marian Goodman
 Gallery
 ©Christian Boltanski,
 Licensed by ADAGP
 Photo credit: Rebecca Fanuele



não sabe; não sabe outro saber que o saber de querer sempre saber, tudo, sem limites; questionar todos, sem condições. O gesto de Sócrates é infantilmente impressionante: nada é apenas o que parece ser; tudo pode ser de outra maneira, inclusive da forma contrária à que é: a ignorância sabe, o saber ignora; o ignorante sabe, o sábio ignora.

Assim, com Sócrates, a filosofia nasce como uma infância insaciável, contraditória, impossível; não poderia ser de outra maneira. Frágil e potente, aberta e provocadora, estrangeira e hostil, a filosofia nasce como uma infância insuportável para o estado das coisas instituído.

A segunda acusação (“corromper os jovens”) é ainda mais difícil de refutar.

Sócrates evidentemente altera a relação ao saber dos que conversam com ele, sem importar a sua idade. Os acusadores têm razão: Sócrates quer compartilhar o que sabe, seu desejo de tudo saber. Mais uma mostra de infância. Por isso, conver-

sa com outros e, em especial, com os mais jovens. Se ele próprio é insuportável, então contagiando outros, seu saber se torna infinitamente mais insuportável. Depois de conversar com Sócrates são muitos os que se tornam insuportáveis. O julgamento só pode encontrar culpável a infância. Há que extirpar a filosofia da *pólis*; há que adormecer a infância do pensamento.

Derrida sugere outros lugares em que Sócrates se mostra como um estrangeiro na *pólis*: no *Críton* (ou *Do dever*) (Platão, trad. em 2019), por exemplo, perante as leis: está tudo combinado para Sócrates escapar tranquilamente de madrugada; seus amigos oferecem toda espécie de suporte e argumentos: morrer é desatender os filhos, dar razão aos seus inimigos, dar vida aos que combatem a filosofia... Sócrates, como sempre, inverte as coisas: a vida está na sua morte, numa forma de morrer, ternamente, infantilmente, com amigos, justiça e verdade. A morte está na vida dos que esquecem

a vida para postergá-la a qualquer preço.

No *Fedro* (Platão, trad. em 2011), perante o tribunal da escrita (Derrida, 1968/2000), Sócrates coloca as condições estrangeiras da filosofia, dentre elas dispor de “tempo livre” (*scholé*), escola, tempo de verdade que se possa perder, liberado das exigências dos que querem submeter a vivência do tempo a qualquer outra coisa que não seja o próprio exercício de pensar junto.

A associação entre infância e filosofia aparece também no *Górgias* (Platão, trad. em 2016) onde Sócrates recebe de Cálicles uma crítica à filosofia, à sua inutilidade e periculosidade. A infância é percebida como algo menor, incompleto, impotente e a sua associação com a filosofia serve para mostrar as fraquezas de uma e outra. Cálicles critica Sócrates e o acusa de agir como uma criança; é tempo de crescer, argumenta, de distanciar-se da filosofia para dedicar-se a questões mais importantes (484 c). A filosofia – sustenta Cálicles – corrompe os

homens quando estes permanecem muito tempo nela e acaba tornando-os inexperientes (*ápeiron*) e ridículos para o mais importante: a vida pública, política, na *pólis* (484 c–d). Assim, os filósofos se comportam como crianças. O filósofo é tão ridículo e infantil nos assuntos públicos, acrescenta, como os políticos nas conversas filosóficas.

Para Cálicles é bonito dedicar-se à filosofia na medida em que serve à educação (*paideia*). A raiz dessa palavra está aparentada com a palavra *país*, que significa *criança*. Cálicles não aprecia nem as crianças, nem a educação ou a filosofia. Todas elas fazem parte de um mundo inferior, anterior ao mundo real da política. A filosofia pode acompanhar a vida humana durante a fase do jogo (*paízon*), justamente porque é o momento de perder tempo, do tempo sem importância. Mas aquele que se dedica à filosofia na vida adulta se torna um homem desprezível (um anti-homem, *an-androi*), principalmente porque ele não ocupa um

lugar público (na *agora*) no centro da cidade, lugares da realização da cidadania.

Cálicles tem razão. Entendida à *la* Sócrates – com formas infantis e estrangeiras de expressar-se em uma comunidade – a filosofia é completamente atópica: ela deseja saber de tudo, busca desconhecer todas as coisas, questioná-las, desaprender o que sabemos, afirmar o valor do não saber, do buscar responder, com todas as suas forças, questões que não podem ser respondidas. É perversa e polimorfa e, por isso, insuportável para os que legislam um estado de coisas. Ela afirma uma relação perturbadora com os conhecimentos consagrados. É infantil demais a filosofia socrática; insuportável para qualquer especialista em legislar a vida.

Este é o paradoxo de Sócrates, do *phármakon* (droga, remédio, veneno) filosófico que ele inventa. Sócrates – a filosofia, a infância – não tem lugar na *pólis*, não sabe falar a sua língua; essa língua é o que a *pólis* mais precisa e, ao mesmo tempo, o que a *pólis* não pode suportar... Ela diz infantilmente o que a *pólis* não pode, não quer ouvir: questiona-a, interpela-a, faz lembrar o que ela pretende ter deixado para trás e não quer recordar.

Sócrates é um filósofo infantil, um amigo da infância, uma figura infantil. Ele inventa a filosofia com uma forma infantil, como estilo de viver perguntando, questionando, incomodando, falando uma língua estranha, estrangeira, inabitável... Vive a filosofia e vive a infância.

Infantia

Na escrita de outro francês, J.-F. Lyotard, a infância aparece de formas variadas. Por exemplo, um dos seus livros mais emblemáticos – *Le postmoderne expliqué aux enfants* (Lyotard, 1986/2005) – está conformado por cartas escritas para crianças e termina com um “Memorial sobre o curso de Filosofia” em que descreve a filosofia como uma auto-didática, uma prática de re-

começar a cada vez no pensamento. Eis as últimas três linhas do livro:

O pensamento talvez tenha mais infância disponível entre os de trinta e cinco anos que entre os de dezoito, e fora do curso de estudos mais do que dentro. Nova tarefa para o pensamento didático: buscar sua infância em qualquer parte, inclusive fora da infância. (p. 122)

Há dois sentidos aqui para a infância. Um deles, como começo, interrupção, estrangeiridade do pensamento; o outro, como etapa cronológica. A infância como começo pode estar dentro ou fora da infância como cronologia primeira de uma vida. É possível habitar a infância para muito além de uma fase cronológica da vida.

Em outros trabalhos, Lyotard se ocupa de pensar mais detalhadamente a infância não cronológica¹. Dentre os muitos sentidos que tem dado à infância, apresento um: a *infantia* como a diferença entre o que pode e não pode ser dito, o indizível, algo perdido que habita, imperceptivelmente, o dizível como sua sombra, seu lembrete, um não dito que trabalha como uma condição para que algo com sentido possa ser dito.

Nesse aspecto, a *infantia* – como condição latente que está por trás de cada palavra pronunciada por qualquer ser humano – é uma das duas formas do inumano (Lyotard, 1988/1991); por um lado, está o inumano do sistema, chamado de *desenvolvimento, competitividade, democracia representativa, mercado, mundo livre*; por outro, o inumano que cada alma humana carrega pelo fato de ter nascido de uma indeterminação forçada a se abandonar a si própria, a se determinar sem poder fazer nada para evitá-lo. A segunda forma do inumano é essa passagem do não ser ao ser da qual todos nascemos e ninguém escolhe. Fomos forçados a nascer, nenhum ser humano foi perguntado se queria vir ao mundo.

Essas duas formas do inumano se opõem uma à outra. Vejamos, por exemplo,

em relação ao tempo. A primeira impõe a necessidade de correr atrás do tempo, de fazer dele um bom uso, torna-lo produtivo; ser eficiente, eficaz na forma de percorrer essa linha extensiva, sucessiva, consecutiva, irreversível de movimentos cronológicos que constitui sua imagem preferida do tempo. A segunda não corre atrás do tempo, deixa o tempo se perder em percursos não lineais, mas polimorfos, intensivos, repetitivos de forma complexa, ou ainda anda distraída em busca do tempo perdido, especialmente aquele tempo remoto da indeterminação abandonada num movimento em que o passado nem sempre antecede o presente e o futuro pode não sucedê-lo. É quase aquele tempo livre que Sócrates firma no *Fedro* (Platão, trad. em 2011), como uma condição para filosofar. O tempo de uma criança brincar. O tempo circular de eterno retorno, dos ciclos, como o tempo dos aimarás; de um passado que está na nossa frente porque se pode ver e do futuro que está atrás porque é desconhecido.

Da economia se abre um caminho para a política. Se a primeira forma do inumano busca impor o capital como única alternativa triunfante e hegemônica, Lyotard (1988/1991) considera que a política só pode ser a resistência a essa forma capitalista de inumano em nome da memória da outra forma de inumano esquecida, aquela de uma alma que constantemente lembra a dívida com o inumano do qual nasceu. Em suas palavras:

[...] que mais resta de “político” que não seja a resistência a este inumano? E que mais resta, para opor resistência, que a dívida que toda a alma contraiu com a indeterminação miserável da sua origem, da qual não cessa de nascer? Ou seja, com o outro inumano? Está a dívida que temos para com a infância e que não é saldada. Mas basta não esquecer para resistir e, talvez, para não ser injusto. Esta é a tarefa da escrita, do pensamento, da literatura, das artes, aventurar-se a prestar testemunho. (p. 7)

Basta não esquecer a dívida com a infância para não sermos injustos. Basta não

esquecer a dívida com a infância para não sermos injustos? Não o sabemos. Mas em tempos em que afloram os discursos de formação da infância, ainda em nome da filosofia, talvez uma tarefa política interessante para o pensamento seja lembrar que não há por que, nem como, acabar com a infância. Ela é indestrutível e nos constitui como sinal de nossa condição indeterminada. Lembrá-la na escrita, na arte, na educação, constitui uma força, um estilo, uma forma política de testemunho.

A escrita, como a filosofia e a infância, é uma espécie de sobrevivente, uma entidade que deveria estar morta, mas *ainda* está viva (Lyotard, 1997, p. 63). Como sobreviventes, a escrita e a infância são também uma esperança: “o acontecimento de uma alteração radical possível no fluxo que empurra as coisas a repetir o mesmo” (p. 62). A infância nomeia algo que “já é”, mas sem ser ainda “algo”; uma espécie de espanto que introduz no mundo do humano uma forma do inumano que ainda não pode ser identificada; a infância é o nome de um milagre, o da interrupção do ser das coisas pela entrada de seu outro, do outro do ser.

Dívida, esperança, milagre, a infância é uma forma de tempo sensível: “A capacidade de sentir prazer e dor, afetividade, *aisthesis*, é independente de sua possível articulação. [...] Este tempo antes do logos é chamado *infantia*.” (p. 109). Voz estrangeira antes da palavra, tempo sem logos, tempo afetivo, sentido. Outra vez a infância chama à filosofia (*philo-sophía, phílos*): afeto, paixão, amizade. A filosofia é – como a infância – um tempo sensível, antes do logos, antes do tempo. *Antes* não significa tempo passado, mas tempo primeiro, inicial, inaugural, uma condição.

A privação da infância é o totalitarismo do humano, ou um retorno do humano ao inumano. Não há vida só na infância. Mas também não há vida sem infância. Outra vez o paradoxo, o enigma, o impossível. Nessa exigência incontornável da presença de uma ausência se encontram mais uma vez infância e filosofia. Esses dois impossíveis necessários para que exista vida e morte, para que uma vida seja vivível para um

1. Para um estudo mais detalhado da concepção de infância em Lyotard sugiro ver: Smeyers, P. e Masschelein, J. (2000/2012); Fry, K. (2014) e, particularmente, Locke, K. (2012) quem desdobra – nos três sentidos que aqui apresentamos – a forma complexa em que Lyotard trabalha o conceito de infância.

ser humano. Eis a tarefa política da escrita, da arte, da educação, da filosofia: lembrar-nos que somos infância e dos riscos das pretensões de apagá-la.

REFERÊNCIAS

- Cixous, H. e Derrida, J. (2019). On deconstruction and childhood. *The Oxford Literary Review*, 41(2), 149–159.
- Derrida, J. (2000). La pharmacie de Platon. Em L. Brisson (trad.), *Platon: Phèdre* (pp. 255–403). Paris: GF-Flammarion. (Trabalho original publicado em 1968).
- Derrida, J. e Dufourmantelle, A. (1997). *Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre: De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy.
- Fry, K. (2014). Lyotard and the philosopher child. *Childhood & Philosophy*, 10(20), 233–246.
- Kohan, W. O. (2015). Visões de filosofia: Infância. *Alea: Estudos Neolatinos*, 17(2), 216–226.
- Liddel, H. G. e Scott, R. (1996). *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press. (Trabalho original publicado em 1843).
- Locke, K. (2012). Lyotard's infancy: A debt that persists. *Postmodern Culture*, 23(1). Disponível em: <http://www.pomoculture.org/2015/07/07/lyotards-infancy-a-debt-that-persists/>
- Lyotard, J-F. (1991). *The inhuman: Reflections on time* (G. Bennington e R. Bowlby, trads.). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Lyotard, J-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Lyotard, J-F. (2005). *Le postmoderne expliqué aux enfants*. Paris: Galilée. (Trabalho original publicado em 1986).
- Lyotard, J-F. (2006). The affect-phrase. Em K. Crome e J. Williams (eds.), *The Lyotard reader and guide*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Lyotard, J-F. (2012). *Pourquoi philosopher?* Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1964).
- Platão (2001). *Diálogos: Teeteto – Crátilo*, vol. 9 (C. A. Nunes, trad.). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2011). Fedro. Em C. A. Nunes (trad.), *Diálogos de Platão* (vol. 3). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2016). Górgias. Em E. Bini (trad.), *Diálogos 2: Górgias; Eutidemo; Hípias Maior; Hípias Menor*. São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2019). Criton (ou Do dever). Em E. Bini (trad.), *Diálogos Socráticos* (vol. 3). São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Smeyers, P. e Masschelein, J. (2012). L' enfance, education and the politics of meaning. Em P. A. Dhillon e P. Standish (eds.), *Lyotard: Just education* (pp. 140–156). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 2000).

Calibán -
RLP, 19(1-2),
215-219
2021

Mauro Vallejo*

» Flores, anjos e marionetes: A criança como mistério maleável no pensamento de Freud

Há apenas algumas semanas, circulou pelas redes um pequeno vídeo em preto e branco que aparentemente capturava um breve instante da vida cotidiana ou familiar de Sigmund Freud. A cena, com cerca de vinte segundos, transcorre em um lugar como um jardim ou praça. Uma mulher tem em seus braços uma menina pequena, claramente de menos de um ano de idade. A seu lado está o criador da psicanálise. A imagem não é clara, mas Freud parece ter algo em sua mão esquerda. A mulher, desejosa de atrair a atenção da criança, puxa esse objeto, arrastando em sua direção a mão do psicanalista (que opõe certa resistência a esse gesto que o transforma em um autômato). No mesmo momento outro homem estala os dedos perto do rosto da menina, tentando também captar seu interesse. Outras cinco pessoas, em semicírculo, olham extasiadas os movimentos esquivos da pequena. De repente, com uma agilidade surpreendente e com passos rápidos, um envelhecido Freud se retira do quadro e reaparece com uma flor na mão. Ele se aproxima do rosto da menina, que tenta tocá-la com seus dedos.

Este artigo retoma, de algum modo, a constelação de objetos que compõem essa cena duvidosa. Trata-se da interrogante pela natureza da criança no pensamento freudiano, em sua fase inicial. Sejam mais precisos: o que está em jogo não é tanto a natureza disto que chamamos criança, mas sim sua localização mutante em um discurso, sua redistribuição tática. Algo assim como sua *ontologia oscilante*. Para refletir a propósito dessa localização vacilante, lançamos mão de algumas figuras que estruturam aquele filme doméstico: corpos que parecem marionetes (e marionetes que emulam corpos), objetos sedutores e olhares, olhares por toda parte. Tanto se insistiu em que aos olhos de Freud a mulher não deixou de ser jamais um enigma intransponível que se passou por alto o *mistério maleável* que a criança sempre significou para esse mesmo olhar.

Para entender como funciona essa localização versátil da criança, nada melhor que retomar o autor que a colocou em evidência. Em uma aula de 12 de março de 1975 no *Collège de France*, Michel Foucault (1975/1999) afirma que um dos mecanis-

* Pesquisador do Conicet (Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas)